

## CAPÍTULO II

# Composição orgânica do capital e salários

---

A taxa de lucro cairá, dada uma taxa de mais-valia constante, se a composição orgânica do capital crescer. O problema, portanto, está em verificar se a composição orgânica do capital tem realmente a tendência crescente que Marx lhe atribui de maneira quase absoluta. Correlatamente é essencial saber se realmente a relação produto-capital tem uma tendência declinante, identificando-se o progresso técnico com a mecanização, como pretende Marx.

A simples identificação do progresso técnico com o aumento da composição orgânica do capital não é satisfatória. Na verdade é preciso verificar, de um lado, qual o tipo de progresso técnico que está ocorrendo, se este é neutro, poupador de mão-de-obra ou poupador de capital, e de outro, o que ocorre com a taxa de salários. Antes de examinar os tipos de progresso técnico, deveremos conceituar a composição orgânica do capital com maior precisão.

### 1

Examinaremos em primeiro lugar o problema da taxa de salários na composição orgânica do capital. Embora faça a distinção, Marx acaba estabelecendo uma estreita correlação entre a composição orgânica e a composição técnica do capital, na medida em que supõe uma taxa de salários constante.

É esta estratégia que lhe permite identificar o processo de mecanização, de caráter técnico, com o crescimento de uma variável econômica como é a composição orgânica do capital. Realmente, a taxa que em princípio seria crescente, à medida em que ocorre o processo de acumulação, seria a relação capital-trabalho ou composição técnica do capital,  $K/L$ . Ainda que a tendência crescente da própria relação capital-trabalho seja discutível admitiremos por enquanto que exista essa tendência.<sup>1</sup> Desde que consideremos a taxa de salários constante,  $\bar{w}$ , e dado que o total de salários depende da taxa de salários e do de emprego,  $L$ ,

$$W = \bar{w}L,$$

a composição técnica do capital será proporcional à composição orgânica do capital. Crescendo uma, crescerá a outra na mesma proporção.

$$\frac{K}{L} \therefore \frac{K}{wL}$$

Observe-se, em primeiro lugar, que esta hipótese da constância da taxa de salários, embora esteja presente na argumentação básica de Marx a favor da tendência à elevação

<sup>1</sup> O caráter crescente da relação capital-trabalho pode ser verificado historicamente, mas não é tão claro e indiscutível quanto poderíamos pensar. Em dólares de 1929, o capital por pessoa ocupada nos EUA, excluindo o setor agrícola e as residências, em 1889-90-91, era de 2.986 dólares. Em 1912-13-14, essa cifra havia subido para 4.053 dólares (cf. E. H. Phelps Brown e Margareth H. Browne, *A Century of Pay*, Londres, MacMillan, 1968, Apêndice 3). De acordo com outra fonte, com critérios obviamente diversos, a relação capital-trabalho, cujo índice era 1 em 1900, subiu para 2,36 em 1921 (cf. Paul H. Douglas, *The Theory of Wages*, Nova Iorque, Reprints of Economic Classics, 1964, p.145). É curioso, porém, observar que nos EUA, no período entre 1920 e 1938, o capital por pessoa cai de 4.502 dólares para 3.901 dólares. Na Inglaterra a relação capital-trabalho aumenta, mas menos acentuadamente. Em libras de 1913, cresce de 251 libras em 1869 para 259 libras em 1913. Permanece depois estável até 1938 (cf. E. H. Phelps Brown e Margareth H. Browne, *op. cit.*, Apêndice 3). Ver Quadro III do Apêndice, em que estes dados aparecem em forma de índice. Observe-se que, a rigor, a composição técnica do capital deveria ser medida em termos físicos no conceito de Marx. No próximo capítulo verificaremos que se o progresso técnico for poupador de capital e trabalho intensificante a própria relação capital-trabalho não crescerá.

da composição orgânica do capital, é contraditória com a hipótese de uma relativa constância da taxa de mais-valia, dada a existência de aumento da produtividade. De fato, Marx só podia identificar a incorporação de progresso técnico (ou o desenvolvimento das forças produtivas, de acordo com sua terminologia) com a substituição de mão-de-obra por capital (mecanização), e esta com elevação da composição orgânica na medida em que os salários fossem considerados constantes. Por outro lado, na medida em que a taxa de salários fosse constante, e que houvesse aumento da produtividade de trabalho,  $Y/L$ , a taxa de mais-valia seria necessariamente crescente.

De fato, se  $(\dot{Y}/L)$  é a taxa de crescimento da produtividade e se  $(\dot{w}/L)$  é a taxa de crescimento da taxa de salários, e se a primeira for maior do que a segunda,

$$\left(\frac{\dot{y}}{L}\right) > \left(\frac{\dot{w}}{L}\right)$$

teremos necessariamente que a relação produto-salários e, portanto, a taxa de mais-valia serão crescentes:

$$\frac{Y \uparrow}{W} \quad \text{logo} \quad \frac{R \uparrow}{W}$$

Em segundo lugar, é necessário salientar que se abandonarmos o pressuposto da constância da taxa de salários, a proporcionalidade entre a composição técnica e a composição orgânica desaparece. Devido ao aumento da taxa de salários, mesmo que a relação capital-trabalho aumente, a composição orgânica do capital pode estar estável e até declinante. Deixa de haver qualquer relação direta entre progresso técnico, substituição de mão-de-obra por capital, aumento da produtividade e o crescimento da composição orgânica do capital. Como veremos mais adiante, quando, a partir aproximadamente de 1870, a taxa de salários revela uma acentuada tendência crescente, é claro que este fato passa a exercer uma forte pressão para baixo sobre a composição orgânica do capital, a qual provavelmente compensaria o possível crescimento da composição técnica do capital.

## 2

É preciso não confundir a composição orgânica do capital com a composição técnica do capital. Esta relaciona o capital constante com o número de trabalhadores empregados na produção,  $L$ . A composição técnica do capital pode ser expressa, de forma aproximada, através da relação capital-trabalho:  $K/L$ .

Alguns, como Mário Cogoy, confundem a composição do capital com a técnica porque esta última, na medida em que não é afetada por salários crescentes, tende ela própria a ser mais aparentemente (embora não necessariamente) crescente, confirmando melhor a hipótese de Marx de que a composição orgânica do capital é crescente.<sup>2</sup> Joan Robinson comete o mesmo engano, mas por outros motivos. Preocupada em ser coerente com sua teoria do capital, prefere distinguir dois tipos de capital:  $K$ , o valor do capital dado em determinado volume de lucro e uma taxa de desconto para esse lucro e,  $C$ , o estoque de capital em termos de trabalho morto incorporado nos bens. Por outro lado ela considera difícil medir o capital total, que Marx definia em termos ou fluxo como sendo igual a capital constante mais capital variável ( $c + v$ ), em termos de estoque, para o subsequente cálculo da taxa de lucro. Decide, nesses termos, incluir os bens de subsistência dos trabalhadores em  $c$  e em seguida transformá-lo em medida de estoque,  $C$ . Com isto desaparece  $v$  do capital. Ou melhor  $v$  assim manipulado é reduzido a  $L$  e a composição orgânica do capital é definida como sendo igual a  $C/L$ .<sup>3</sup> Alterar os conceitos de Marx, seja para provar que ele estava certo, como é o caso de Mário Cogoy, seja para se tornar mais coerente com uma outra teoria, como é o caso de Joan Robinson, não é razoável.

É preciso assinalar que aqueles, como Joan Robinson, que utilizam  $K/L$  ou  $C/L$  para definir a composição orgânica do capital, pretendem não a estar confundindo com a compo-

<sup>2</sup> Mário Cogoy, "Baisse du taux de profit et theorie de l'accumulation: reponse à Paul Sweezy", *op. cit.*

<sup>3</sup> Joan Robinson, "The organic composition of capital", em *Kyklos*, vol. 31, 1978, fase 1, pp. 5-6.

sição técnica do capital. Para esses autores, haveria dois conceitos possíveis para a composição orgânica do capital:

1) a composição orgânica segundo o valor,  $c/v$ , que, transformado em termos de preço seria  $K/W$ , e

2) a relação entre trabalho morto e trabalho vivo, expressa já em termos de preço como sendo  $C/L$  ou  $K/L$ .

A primeira variante, segundo Philippe Van Parijs, deveria ser chamada de “variante de livro-texto” e a segunda de “variante moderna”.<sup>4</sup> Apesar do título depreciativo dado ao primeiro conceito, este me parece obviamente mais de acordo com o pensamento de Marx e continuaremos a adotá-lo. Inclusive porque, assim, poderemos ter uma clara distinção entre a composição orgânica do capital e a relação capital-trabalho.

A relação capital-trabalho é uma aproximação da composição técnica do capital porque, para Marx, a composição técnica seria medida sempre em termos de unidades físicas: tanto o número de horas trabalhadas quanto o de meios de produção utilizados. Como isto é impossível de ser medido em termos agregados, utilizamos a mensuração em termos monetários de  $K$ . Nestes termos, a composição técnica do capital será identificada, para efeitos práticos, com a relação capital-trabalho:

$$\frac{K}{L}$$

Na verdade, Marx sabia perfeitamente que a produtividade do trabalho estava mais diretamente relacionada com a composição técnica do que com a composição orgânica do capital. O trecho seguinte deixa claro tanto sua insistência em relacionar a tendência crescente à composição orgânica do capital com o aumento da produtividade (base de sua tese sobre a taxa declinante de lucro), quanto a ressalva que fazia a esta forma de medir produtividade através da composição orgânica do capital, especialmente quando houvesse variação

<sup>4</sup> Philippe Van Parijs, “The falling rate of profit theory of crisis: a rational reconstruction by way of obituary”, em *Review of Radical Political Economics*, 12 vol. nº 1, 1980, p. 3.

na taxa de salários. Afirma Marx: “Efetivamente, a composição, segundo o valor, do capital empregado num ramo industrial — uma relação determinada, portanto, entre capital variável e capital constante — exprime sempre determinado grau de produtividade do trabalho. Quando essa relação se modifica não por simplesmente variar os componentes materiais do capital constante, nem por alterar-se o salário, inferre-se que se terá modificado também a produtividade do trabalho”.<sup>5</sup>

Mário Cogoy procura contornar o problema através de uma distinção que haveria entre composição segundo o valor do capital e composição orgânica do capital. Para isso baseia-se no trecho de *O Capital* em que Marx, depois de definir as duas taxas, afirma: “Chamo a primeira composição de composição segundo o valor, e a segunda de composição técnica. Há estreita correlação entre elas. Para expressá-la, chamo a composição do capital segundo o valor, na medida em que é determinada pela composição técnica e reflete as modificações desta, de composição orgânica do capital”.<sup>6</sup> Segundo Cogoy, quando a composição segundo o valor não reflete modificações da composição técnica, não haveria estreita correlação entre a composição orgânica e a composição técnica do capital.<sup>7</sup> Esta interpretação é forçada e desnecessária. Pretende que a composição orgânica do capital seja diretamente proporcional à composição técnica e, portanto, sempre crescente, enquanto que a composição do capital segundo o valor poderia deixar de ser proporcional devido a variações na taxa de salários. A meu ver, a composição orgânica do capital para Marx é sinônimo de composição do capital segundo o valor. É a relação entre o capital constante e o capital variável, como ele tantas vezes repete, e não a relação entre o capital constante e a força de trabalho empregada. Esta última relação é medida pela composição técnica do capital. Não é com uma citação de Marx, que pode ser passível de varias interpretações, que se vai modificar o conceito de

<sup>5</sup> Karl Marx, *O Capital*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, Livro III, p. 55.

<sup>6</sup> Karl Marx, *op. cit.*, Livro I, p. 713.

<sup>7</sup> Mário Cogoy, *op. cit.*, pp. 1238-39.

composição orgânica do capital, por ele tão claramente definido durante todo o transcorrer de *O Capital*.

Não deixa, entretanto, de ser curioso que nesta distinção entre composição orgânica do capital e composição do capital segundo o valor, representantes fundamentalistas do marxismo, como Cogoy, se aproximem dos economistas de Cambridge, que criticam sistematicamente a teoria da tendência declinante da taxa de lucro. Para os fundamentalistas, distinguir as duas taxas seria útil para se sustentar a *hipótese lógica* de que a composição orgânica do capital seria sempre crescente na medida em que a composição técnica também o fosse. Já para a Escola de Cambridge, a composição do capital segundo o valor (conceito de livro-texto) é distinguida da composição orgânica do capital (conceito moderno), e esta é na prática identificada com a composição técnica por uma questão de lógica interna da própria teoria do capital. Isto, entretanto, não os impede de criticar fortemente a teoria da tendência à elevação da composição orgânica do capital, já que a própria elevação da composição técnica não é uma implicação necessária, dependendo do tipo de progresso técnico.